

EXPECTATIVAS DOS JOVENS MATRICULADOS NOS CURSOS DO PRONATEC EM RELAÇÃO AO MERCADO DE TRABALHO.

Judite Maria Lourenço¹

Juliane Francisca da Silva²

Dr. Ramon de Oliveira³

Resumo: A presente investigação tem por objetivo analisar as expectativas que os jovens matriculados nos cursos do PRONATEC (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego) em Paulista-PE têm em relação ao mercado de trabalho. A pesquisa caracteriza-se como um estudo de campo do tipo descritivo quanti-qualitativo. A amostra foi constituída por meio da aplicação de 56 questionários e 12 entrevistas, com jovens de diferentes cursos do SENAI e da Escola Técnica Joaquim Nabuco, ambas na cidade de Paulista- PE. A análise dos resultados permitiu-nos observar que as expectativas prioritárias desses alunos concentram-se em qualificar-se cada vez mais e assim obter uma rápida inserção no mercado de trabalho. No que se refere a alcançar essa inserção, percebemos que os jovens acreditam que a maior dificuldade está na falta de experiência frente às exigências e à competitividade do mercado de trabalho.

Palavras-chaves: Jovem. Mercado de Trabalho. Expectativa.

1. JUSTIFICATIVA

De acordo com Giovinazzo (2005) “a expectativa é a esperança ou a crença de que um objetivo pode ser alcançado, enquanto as aspirações implicam na transformação dos desejos em projetos pessoais ou coletivos” (p.1). Para esse autor, as expectativas e aspirações possuem conteúdos individuais e sociais, ou seja, estão relacionadas ao desenvolvimento do ego e às pressões sociais que cada indivíduo sofre no seu processo de formação. Dessa forma, ele nos salienta que em um estudo que pretende focalizar o indivíduo, tendo como referência o tipo de formação que recebe, é fundamental que se tome como objeto de investigação a forma como suas emoções, seus desejos e suas vontades são constituídas.

Assim, dentro dessas perspectivas, tendo em vista a realidade social em que os jovens estão inseridos, este trabalho tem como objetivo geral analisar as expectativas que os jovens matriculados nos cursos do PRONATEC têm em relação ao mercado de

¹ Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. juditebb@hotmail.com

² Concluinte de Pedagogia – Centro de Educação – UFPE. Juliane.francisca@hotmail.com

³ Professor da Universidade Federal de Pernambuco – Departamento de Fundamentos- Sócio – Filosófico da Educação – UFPE - ramono@elogica.com.br

trabalho. A fim de atingir nosso objetivo, fizemos os seguintes questionamentos: o que pensam esses jovens estudantes do PRONATEC sobre o mercado de trabalho? E o que esperam alcançar a partir da formação técnica?

Sabemos que as condições juvenis no Brasil vêm passando por profundas transformações socioculturais, e que as mudanças que vêm ocorrendo no mundo acabam alterando as formas de inserção dos jovens no mercado de trabalho - principalmente para a maioria desses brasileiros, ou seja, a das camadas populares - para esses, a condição juvenil só é vivenciada por que trabalham, pois precisam do trabalho para garantir o mínimo de recursos para atender suas necessidades básicas, como destaca Dayrell (2007).

Diante disso, percebemos que nos dias atuais, os jovens estão buscando o caminho da formação e qualificação profissional em curto prazo, e, na busca para alcançar o primeiro emprego, escolhem os cursos técnicos como sendo a melhor opção. Para atender essa demanda da sociedade, o governo criou, em 2011, o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC, com o intuito de ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica para qualificação de trabalhadores e de alunos do ensino médio.

O PRONATEC foi criado em outubro de 2011 com a sanção da Lei nº 12.513/2011 pela presidenta em vigência Dilma Rousseff. Esse programa apresenta como finalidade a ampliação da oferta de educação profissional e tecnológica, através de projetos e ações de assistência técnica e financeira. Busca expandir, interiorizar e democratizar a oferta de cursos de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) para alunos e profissionais.

Entre as várias ações do PRONATEC destacaremos a criação da Bolsa-Formação, executada a partir das diretrizes fixadas pela Portaria nº 1.569/2011, que se expandiu para além das redes públicas compreendendo as unidades de serviços nacionais de aprendizagem, tais como, o SENAC (Serviço Nacional do Comércio) e o SENAI (Serviço Nacional da Indústria); a criação do FIES Técnico; a consolidação da Rede e-Tec Brasil; o fomento às redes estaduais de Educação Profissional Tecnológica (EPT) por intermédio do Brasil Profissionalizado e a expansão da Rede Federal de Educação Profissional Tecnológica (EPT). Porém os cursos ofertados são custeados pelo Governo Federal.

Conforme a lei nº 12.513/2011, os cursos oferecidos pelo programa serão destinados a atender os estudantes do ensino médio da rede pública - inclusive da

educação de jovens e adultos- trabalhadores; beneficiários dos programas federais de transferência de renda; e estudantes que tenham cursado o ensino médio completo em escolas da rede pública ou em instituições privadas na condição de bolsista integral, nos termos do regulamento (BRASIL. Lei nº 12.513). Salientando que cabe às instituições responsáveis pelo oferecimento das vagas a forma de ingresso nos devidos cursos.

Durante nossos estudos constatamos que há uma crescente discussão e análise sobre o PRONATEC, como as iniciadas por: SANTOS (2013), SALDANHA (2012) e CORTE (2013).

Geralmente, as pesquisas desenvolvidas sobre esse programa, têm como objetivo compreender o percurso histórico da educação profissional no Brasil, analisar os avanços e desafios do mesmo e refletir sobre sua implementação, ou seja, focam unicamente o programa governamental, ficando à parte os sujeitos participantes. Desta forma, sentimos a necessidade de conhecer as expectativas dos jovens ingressos nesse programa educacional.

O interesse pela temática surgiu a partir dos estudos realizados nas disciplinas de Tendência, Realidade e Trabalho (disciplina obrigatória do curso de pedagogia da UFPE) e Juventude, Trabalho e Educação (disciplina eletiva). As discussões sobre jovens, bem como o trabalho de pesquisa realizado com estudantes do ensino médio, despertaram em nós o desejo de aprofundar o estudo sobre juventude e sua formação profissional.

Cientes da relevância da pesquisa para esse trabalho, fizemos abordagens acerca da situação socioeconômica dos jovens, abordagens essas que visam investigar a relação, motivação e expectativas dos mesmos sobre o mercado de trabalho objetivando:

- ✓ Caracterizar o perfil dos jovens matriculados nos cursos do PRONATEC em Paulista - PE.
- ✓ Descrever e analisar as expectativas dos alunos participantes do programa em relação à profissionalização e o mercado de trabalho.

Enfim, procuramos com esta investigação analisar as expectativas vivenciadas por jovens da camada popular, aos quais, lhes foram enraizadas, ao longo de sua formação, a ideia de que o sucesso profissional está ligado inteiramente à escolarização. Assim, o estudante ao concluir alguma das fases de estudos, como por exemplo, o Ensino Médio ou um curso técnico, e já de posse de um diploma, pensa haver garantido o seu emprego, quando na verdade, além dessa exigência, o mesmo terá de desenvolver competências requeridas pelo mercado que vão muito além da conclusão das etapas

citadas. Desenvolvendo a crítica a esse modelo, RODRIGUES (2007) aponta esse tipo de formação como ‘fetiche das competências’. Para ele, cada vez mais é exigido, não uma formação humana, mas uma formação da mercadoria especial - força de trabalho - coisificando o sujeito. Semelhantemente, buscamos refletir sobre essa temática, numa forma de descortinar essa falsa ideia, a qual está velada em nosso cotidiano.

2. Referencial teórico

2.1 - Refletindo sobre a definição de Jovem/juventude

Ao analisarmos alguns artigos científicos que abordam o tema “juventude”, percebemos que a definição desse termo tem sido alvo de inúmeros debates nas diversas áreas do conhecimento, tais como: história, sociologia e psicologia. Por isso, a definição dos termos jovem/juventude apresentam variações, contudo, a maioria dessas definições está relacionada à faixa etária, ou seja, compreendem uma determinada idade inicial e outra final, a qual se dará a transição para a fase adulta; é interessante ressaltar que essas idades podem variar de acordo com o contexto.

Para Dayrell (2003) “Construir uma definição da categoria juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais” (p. 41). Autores como Sposito e Carrano (1993), e o próprio Dayrell (2003, 2007) se debruçam sobre a discussão a respeito da noção de juventude. Entendem que não existe apenas um conceito de juventude, porque não existe somente uma juventude, mas *juventudes* no plural, pois nem todos os jovens se comportam e vivem da mesma maneira.

Sobre isso Dayrell (2007) afirma que através dos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais temos em cada localidade, um tipo de juventude. Desta forma, percebemos que o ser jovem está relacionado com a dinâmica social desenvolvida de acordo com o tempo e o contexto em que vivemos. Conforme Carrano (2003), devemos ter o entendimento do vocábulo *juventudes* pelo próprio caráter da diversificação social em que está inserido e não puramente pelo significado do nome.

Novaes (2007, p. 1) enfatiza que “A condição juvenil é vivida de forma desigual e diversa em função da origem social; dos níveis de renda; das disparidades socioeconômicas entre campo e cidade, entre regiões do mesmo país, entre países, entre continentes, hemisférios”. Portanto, com base nesses autores compreendemos que não existe uma única forma de se refletir sobre juventude quando temos uma diversidade no modo de ser jovem. Por isso, não buscamos estipular determinados termos como critério

para definir o que é ser jovem, pois ao fazermos isso corremos o risco de não levarmos em consideração as condições socioculturais e históricas desses sujeitos.

2.2 - O trabalho na sociedade capitalista

Tendo em vista o objetivo principal da pesquisa, acreditamos que é fundamental compreender sobre a questão do trabalho na sociedade capitalista, pois a forma como o trabalho foi e é constituído socialmente, condiciona as escolhas e desejos do homem. Hoje em dia, muitos jovens entram no mercado de trabalho não apenas pela sobrevivência, mas também para atender às demandas impostas pela sociedade vigente, como por exemplo, o consumismo e individualismo.

A forma mais elaborada que conhecemos e que consideramos como trabalho nos dias atuais é uma construção histórica. Essa construção surgiu da capacidade que o homem tem de refletir sobre o seu fazer e assim agir sobre ele (FREIRE, 1979). Com a capacidade de reflexão/ação o homem se refaz constantemente, ou seja, “... o homem é também aquilo que ele se faz” (SEVERINO, 2007, p. 150). Ele adquire outras capacidades como, por exemplo, a de produzir os meios de produção de seus bens através do trabalho.

Partindo de um modo de produção rudimentar, onde se produzia para sua própria sobrevivência, o homem desenvolveu relações sociais, que com o passar do tempo tornaram-se progressivamente complexas e hierarquizadas (a produção de bens perde o seu sentido primário e incorpora o de acumulação) gerando poder de uns sobre outros e uma distribuição de riqueza totalmente desigual. A força física e intelectual é utilizada para produzir bens, isto é, transforma-se em mercadoria no sistema capitalista. Essa última característica é relevante para entendermos as relações de trabalho na atualidade.

As críticas ao capitalismo não são nenhuma novidade. O fator comum a todas elas é a questão da desumanização que foi desencadeada com maior força a partir do período de industrialização. A exploração do trabalho se faz presente na sociedade capitalista, em que a classe menos favorecida (trabalhador), possui apenas uma mercadoria para ofertar: a sua força de trabalho. Em contrapartida, os capitalistas que detêm os meios de produção necessitam de mão de obra para movimentar seu negócio.

O trabalhador vende a sua força de trabalho por um valor acordado (salário) mesmo antes de saber qual será o volume e o valor da mercadoria a ser produzida. Assim, podemos dizer que o valor pago por essa força não corresponde a tudo aquilo

que o trabalhador produzirá, mas corresponderá a um valor bem abaixo do montante produzido, no qual servirá apenas para suprir as necessidades básicas. O restante da mercadoria produzida pelo trabalhador, ou seja, o trabalho excedente da sua produção, é o lucro que pertence exclusivamente ao capitalista, o qual é chamado de “mais valia”.

Em suma, o produto final gerado pela força de trabalho já não pertence ao trabalhador, mas sim ao capitalista que paga por esse montante um valor mínimo e o disponibiliza para o mercado com um valor superfaturado em relação ao valor pago. Assim o trabalhador estará sempre preso a essa teia, pois não dispõe de outros recursos para o sustento da família.

Ao criticar o sistema capitalista, Karl Marx denomina essa forma de exploração, como o “fetichismo da mercadoria”, no qual se caracteriza como sendo um processo que encobre todas as relações de produção antagônicas que estão por trás da fabricação das mercadorias, que são: as forças produtivas, a obtenção da mais-valia, as condições físicas de produção e dos produtores, a propriedade privada dos meios de produção, em suma, o valor de troca encobrindo o valor de uso e ambos encobrindo o valor trabalho. (RODRIGUES, 2007).

Conforme vimos, o fetichismo da mercadoria descoberto por Marx tem a característica de encobrir e dissimular as relações de trabalho social. Desta forma, as relações sociais assumem uma forma ilusória, como relações entre coisas e não entre indivíduos. Para as crenças humanas, as mercadorias são dotadas de vida própria, e estabelecem relações com os seres humanos, como se fossem dotados de vidas próprias. O fetiche não é somente um problema subjetivado, porém tem uma base objetiva, material.

O fetichismo da mercadoria transforma os trabalhos privados em sociais. Os trabalhos privados atuam como componentes do trabalho social através das relações de trocas. Nesse viés o trabalho reveste-se de duplo sentido. Por um lado, a necessidade de utilidade social que satisfaça a alguma necessidade humana. Por outro lado, só satisfazem a necessidade de seus produtores se puder ser equiparado a outras mercadorias, através do seu valor de troca.

De acordo com Oliveira e Souza (2013, p. 93),

[...] a relação capital-trabalho desempenha papel central na dinâmica do capitalismo, uma vez que o principal problema do capital é o trabalho, pois ao mesmo tempo em que o capital quer eliminá-lo e faz de tudo para dele se livrar, precisa dele para produzir o valor. Assim, o trabalho, ao mesmo tempo em que é indispensável ao capital, é também uma das barreiras com as quais

o capital se depara, criando dificuldades à continuidade da acumulação e gerando as crises do capital.

Antunes (2000) ao fazer uma análise sobre a crise do movimento operário, em sua obra “Os sentidos do Trabalho – Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho”, aponta o momento em que o mundo do trabalho passou por uma situação extremamente crítica, talvez a maior desde o aparecimento da classe trabalhadora e do próprio movimento operário, o qual foi vivenciado especialmente no início da década de 1970 e que pode ser identificado como crise estrutural do capital.

Nessa fase, o capitalismo começou a dar sinais de um quadro crítico que se evidenciou com a queda da taxa de lucro, o esgotamento do padrão de acumulação taylorista/fordista de produção, a hipertrofia da esfera financeira, a maior concentração de capitais graças às fusões entre as empresas monopolistas e oligopolistas, a crise do welfare state e dos seus mecanismos de funcionamento e o incremento acentuado das privatizações. Essa crise, que tem como expressão o neoliberalismo e a reestruturação produtiva da era da acumulação flexível, acarretou profundas modificações no mundo do trabalho – entre elas um enorme desemprego estrutural e um crescente contingente de trabalhadores em condições precarizadas, além da degradação do meio ambiente –, modificações estas conduzidas pela lógica societal voltada para a produção de mercadorias e para a valorização do capital.

Ricardo Antunes diz que:

O entendimento dos elementos constitutivos essenciais dessa crise é de grande complexidade, uma vez que nesse mesmo período ocorreram mutações intensas, econômicas, sociais, políticas, ideológicas, com fortes repercussões no ideário, na subjetividade e nos valores constitutivos da classe-que-vive-do-trabalho, mutações de ordens diversas e que, no seu conjunto, tiveram forte impacto. (2000, p. 35)

A reestruturação produtiva impactou a relação família-escola, quando a necessidade de mão-de-obra qualificada passou a ser primordial para o mercado de trabalho. Com o pressuposto de que o indivíduo é capaz de satisfazer as suas carências e desejos sem qualquer planificação externa, começaram a atribuir valores aos indivíduos de acordo com a capacidade que cada um possui para absorver os conhecimentos que foram produzidos socialmente, como por exemplo, por meio das habilidades reflexão/compreensão e ação, dentre outras. Ou seja, com a reestruturação do meio produtivo, além da força física dos trabalhadores, passou a ser exigido o capital intelectual.

2.3 - Formação profissional e inserção no trabalho.

A LDB (Lei de diretrizes e base) em seu art. 2º destaca que a educação é dever da família e do Estado e tem por finalidade o desenvolvimento do educando, bem como seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. A mesma dispõe em seu art. 39 que “A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia” (Brasil, 2014). No panorama atual, em que há um crescimento acelerado da população, o mercado de trabalho tem cada vez mais exigido mão de obra mais qualificada. Nessa conjuntura aumenta a importância do acesso à educação e aos cursos profissionalizantes. Diante disso, percebemos a existência de uma integração entre o ensino médio e a educação profissionalizante, sobretudo com uma visão direcionada para a formação profissional que possibilita a inserção ao mercado de trabalho. Vale ressaltar, que o PRONATEC prioriza a qualificação profissional concomitante ao Ensino Médio.

Diante desse contexto, a escola deixa de ser um espaço meramente formativo, tornando-se a instituição que certifica os indivíduos quanto ao grau do seu desenvolvimento cognitivo. Baudelot (2004) diz que

[...] o sistema educacional desempenha um papel crescente na determinação de colocações no mercado de trabalho. Desempenha também um importante papel na vida das famílias e dos indivíduos, na medida em que atribui um valor educacional a cada indivíduo. (p.1)

O desejo de ascender ou de manter o status social fez com que as famílias investissem incondicionalmente na educação. Segundo Baudelot (2004) o investimento no futuro das crianças tinha como finalidade obter retornos práticos que atendesse os interesses econômicos, a ideologia democrática do Estado e as táticas familiares que visavam ascensão social por meio dos filhos. Assim, o desenvolvimento profissional tornou-se uma necessidade pessoal, de modo que os sujeitos sentem-se frustrados e até mesmo culpados quando não alcançam determinados empregos ou cargos.

Baudelot em seus estudos percebeu que nem todos os jovens da classe trabalhadora ascendiam socialmente por meio da educação. Segundo ele “... a escola permanecia periférica à vida pessoal e profissional das pessoas da classe trabalhadora. Apenas uma minoria das crianças da classe trabalhadora chegava até o ensino médio” (2004, p.4). Por causa da necessidade de, cada vez mais cedo, colaborar na renda familiar, os filhos dos trabalhadores abandonavam os estudos e começavam a trabalhar.

Ao depararmos com a realidade dos jovens inseridos no mundo do trabalho percebemos que não está muito diferente do que ocorria no passado. Conforme Dayrell “um grande desafio cotidiano é a garantia da própria sobrevivência, numa tensão constante entre a busca de gratificação imediata e um possível projeto de futuro” (2007, p. 5). Diante dessa busca muitas vezes a escolha pela área de trabalho se dá pelas oportunidades disponíveis e, por isso a opção nem sempre é subjetiva. Como implicação, estes jovens terminam embrenhando-se no trabalho informal, trabalhando muitas vezes em condições precárias e remotas das normas legais que deveriam protegê-los. SANTOS (2013, p. 76) ressalta que,

os jovens pela necessidade de sobrevivência obrigam-se a trabalhos precários, comprometendo sua possibilidade de escolha: estudar ou trabalhar. Essas situações vêm distanciando os jovens do acesso aos bens culturais e educacionais, importantes não somente para a competitividade laboral, mas também para a totalidade da vida social.

Sobre isso CARRANO (2005) também enfatiza que “(...) a realidade do trabalho precário, em suas distintas formas, reserva para o jovem o forte vínculo entre trabalho e incerteza”. (p. 159).

Dentro dessa conjuntura Dayrell (2007), argumenta que essa condição juvenil nas camadas populares ainda é mais dura e difícil e, por isso na maioria das vezes interfere diretamente na trajetória de vida desses sujeitos. De fato, quando buscamos observar a trajetória de alguns desses jovens, percebemos que muitos não conseguem nem terminar a etapa da Educação Básica diante da imponência de arranjar um emprego em virtude da necessidade de auxiliar na renda familiar ou até mesmo para garantir o mínimo de recursos para atender suas necessidades básicas.

No entanto, o referido autor destaca que o fato do jovem trabalhar não necessariamente deve determinar o abandono da escola, mesmo que o seu trabalho venha influenciar o percurso escolar. É interessante salientar que apesar de muitos jovens estarem inseridos no mercado de trabalho informal, sem qualquer garantia trabalhista, há uma busca por muitos pela qualificação profissional visando à inserção no mercado de trabalho formal, que por sua vez, em geral, exige indivíduos com no mínimo o ensino médio completo. Diante desse contexto o acesso à educação e a cursos profissionalizantes passou a ter uma maior importância.

Entretanto, cabe frisar que uma boa qualificação não é garantia de empregabilidade para classe trabalhadora. Podemos constatar essa afirmação através de dados apresentados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) nos quais

mostram que nos três primeiros meses do ano 2015 a taxa de jovens desempregados no Brasil chegou a 17,6%, mais que o dobro da média nacional, que foi de 7,9%. (PNAD, 2015). Para Segnini (2000), apesar dos jovens terem o maior índice escolarização no nosso País é o grupo social que apresenta as maiores taxas de desemprego e até mesmo que trabalham em situação precária.

Para Baudelot (2004) muitos jovens perdem a crença do sistema educacional por este não lhes proporcionar empregos à altura do seu desenvolvimento acadêmico. Ele diz que por existir poucas oportunidades de emprego no mercado de trabalho, o sistema educacional corre o risco de funcionar em um tipo de vácuo e de se concentrar em problemas internos.

Outro fato importante que tem influenciado para o descontentamento dos jovens é que mesmo tendo a escolaridade e as qualificações necessárias, mas por não terem experiência na área que pretende atuar acabam não tendo a oportunidade de ser encaixado em um emprego. Conforme Menezes e Uchoa (2013) os jovem são os mais expostos ao desemprego, eles afirmam que:

[...] quando necessitam trabalhar encontram uma realidade muito desigual, provavelmente em decorrência da menor experiência em um mercado de trabalho que não respeita gênero, cor, escolaridade e faixa etária. Afinal, o sistema econômico não tem como objetivo empregar as pessoas, mas auferir resultados e, para tanto, necessita empregar (p. 111)

Diante dessa dinâmica percebemos que o acesso dos jovens ao mercado de trabalho não é tarefa fácil, principalmente em decorrência da falta de experiência, entre outros fatores. Porém, vale ressaltar que mesmo com tantas dificuldades, a realidade de muitos desses indivíduos é a entrada no mercado de trabalho de maneira muito precoce. Para ALVES e PAULO (2013) “a inserção precoce dos jovens nas atividades laborais pode representar, a única possibilidade da afirmação social e familiar” (p. 211). Logo diante desse ritmo de vida que o jovem trabalhador está inserido acaba perdendo a possibilidade de vivenciar ou viver em sua totalidade os prazeres e direitos de sua adolescência e juventude.

4. Apontamentos Metodológicos

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo do tipo descritivo quanti-qualitativo. De acordo com Figueiredo (2007, p. 95) essa abordagem “associa análise estatística à investigação dos significados das relações humanas, privilegiando a melhor compreensão do tema a ser estudado...”.

Utilizaremos a análise quantitativa para estabelecer o perfil socioeconômico dos jovens que frequentam o curso do PRONATEC, e a análise qualitativa na tentativa de compreender o modo de pensar dos sujeitos em relação ao mercado de trabalho. Acreditamos que através dessas análises conseguiremos identificar as expectativas que os jovens têm sobre o mercado de trabalho.

Trata-se de uma forma de pesquisa exploratória, que “visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito (...)” (GIL, 1991).

Para a realização da pesquisa, foram aplicados setenta e dois questionários e entrevistas com doze sujeitos, sendo seis com alunos do SENAI e, seis da Escola Técnica Joaquim Nabuco, todos participante do PRONATEC localizado na cidade de Paulista.

O questionário objetivou fazer um levantamento do perfil dos jovens matriculados nos cursos do PRONATEC, quanto à identificação, situação acadêmica, perfil sócio-econômico, a relação com o mercado de trabalho e expectativa profissional. A entrevista foi elaborada para identificar as expectativas que os jovens têm em relação ao mercado de trabalho, na qual foram enfocados os seguintes tópicos: Escolha do curso; dificuldades para continuar no curso; interesse em fazer um curso profissionalizante; importância do conhecimento escolar para o curso; contribuição do curso para a vida profissional; expectativas sobre o mercado de trabalho; projeto para o futuro e situação atual do mercado de trabalho.

Para efetivar uma melhor compreensão das falas, foram gravadas as conversas, com as devidas autorizações dos entrevistados, e depois transcritas para análise. As entrevistas ocorreram em sala reservada das instituições em que os sujeitos estudam.

Vale ressaltar, que a escolha da cidade de Paulista como amostra se deu por motivo de facilidade de acesso. Quanto às instituições SENAI e Escola Técnica Joaquim Nabuco (ETJN) como campo de pesquisa, se deu pela delimitação territorial e por estas serem as principais instituições que abrangem um maior número de jovens participantes do programa. A pesquisa contempla jovens dos cursos Técnicos de Produção de Moda, Técnico em Logística, e Técnicos em Segurança do trabalho. A tabela 1 apresenta o quantitativo de jovens por instituição e curso, que responderam ao questionário. A tabela 2 apresenta os sujeitos que participaram da entrevista.

Tabela 1. Quantitativo de jovens por instituição e curso

| Cursos | SENAI | ETJN |
|---------------|--------------|-------------|
|---------------|--------------|-------------|

| | | |
|----------------------------|----------|-----------|
| Téc. Produção de Moda | 7 | - |
| Téc. Em Logística | - | 31 |
| Téc. Segurança do Trabalho | - | 18 |
| Total | 7 | 49 |

Fonte: Elaborada pelos autores, a partir da coleta de dados.

Tabela 2. Sujeitos que participaram da entrevista

| Sujeitos | Curso | Idades |
|----------|----------------------------|--------|
| Aluna 1 | Téc. Produção de Moda | 17 |
| Aluna 2 | Téc. Produção de Moda | 16 |
| Aluno 3 | Téc. Produção de Moda | 17 |
| Aluna 4 | Téc. Produção de Moda | 15 |
| Aluna 5 | Téc. Em Logística | 22 |
| Aluna 6 | Téc. Em Logística | 19 |
| Aluna 7 | Téc. Em Logística | 27 |
| Aluna 8 | Téc. Em Logística | 29 |
| Aluna 9 | Téc. Segurança do Trabalho | 18 |
| Aluna 10 | Téc. Segurança do Trabalho | 20 |
| Aluna 11 | Téc. Segurança do Trabalho | 23 |
| Aluna 12 | Téc. Segurança do Trabalho | 21 |

Fonte: Elaborada pelos autores, a partir da coleta de dados.

Para análise das entrevistas, os procedimentos de organização das informações registradas seguiram um roteiro em que primeiramente realizamos leitura das transcrições das falas dos entrevistados; em seguida foram feitas análises das respostas para aprofundar e comparar as respostas dos jovens, e assim observamos as que se assemelhavam as diferentes, e se havia alguma que se destacava das demais, facilitando a interpretação dos dados, já que segundo GOMES (2008) está deve ser o foco da central da pesquisa qualitativa. A partir daí elaboramos síntese sobre as respostas, com isso obtivemos comentários gerais para cada questão da entrevista sob um olhar teórico.

Ainda compondo a análise dos dados da pesquisa, fizemos uso das técnicas de análise temática de conteúdo de Bardin (2004), empregadas quando se quer ir além dos significados, da leitura simples do real, possibilitando a interpretação de mensagens obscuras e com duplo sentido.

5. ANÁLISE DOS DADOS

5.1- Perfil sócio econômico

A amostra total foi composta por 56 questionários compreendendo jovens com idade entre 15 á 29 anos. Sendo que dentre os entrevistados, 28.5% eram do sexo masculino e 71.5% do sexo feminino, portanto, percebe-se que há uma predominância do sexo feminino. De acordo com Rosa et al. (2012), o aumento da inserção das mulheres nos cursos profissionalizantes, bem como da sua participação no mercado de trabalho está relacionado há fatores culturais, demográficos e econômicos.

Há algumas décadas a porcentagem de mulheres economicamente ativas tem aumentado consideravelmente. Isso se deve também, entre outros fatores, aos movimentos políticos e sociais ocorridos no mundo entre as décadas de 60 e 70. Essa mudança de padrões culturais impulsionou as mulheres a estudarem mais e a participar do mercado de trabalho de forma consistente. (ROSA, 2012, p. 11)

No que se refere à renda familiar mensal dos jovens, percebe-se um forte predomínio nas faixas de menores, sendo que: 25% com renda de até um salário mínimo; 69,6% com renda entre 1 á 3 salários mínimos. Ou seja, somente essas duas primeiras faixas abrangem 94,6% da amostra. As demais faixas de renda estão distribuídas das seguintes formas: De 3 a 6 salários mínimos corresponde á 3,6% e 1,8% não respondeu. Estudos revelam que a desigualdade salarial do nosso país está relacionada com o nível de educação que os trabalhadores apresentam. De acordo com BARROS et al. (2006) “[...] cerca de 30% da desigualdade em remuneração do trabalho decorre de diferenças de escolaridade entre trabalhadores, e, nesse caso, o mercado de trabalho é apenas um tradutor de desigualdade educacional em desigualdade de remuneração” (p. 59).

Para diminuir as desigualdades sociais, desde a década de 90, o Governo criou planos educacionais que visavam à universalização da educação básica. Hoje, em virtude das metas que foram traçadas, percebe-se, com relação ao grau de instrução, que ocorre uma predominância da formação no ensino médio completo. Em nossa pesquisa, verificamos que 1,8% possuíam o superior completo, 3,6% possuíam o ensino superior incompleto; 87,5% ensino médio completo e 7,1% ensino médio incompleto. É interessante resaltar que a maioria dos participantes foi ou é de escola pública. No entanto, há uma representação significativa de alunos que estudam ou estudaram, tanto em escolas públicas quanto em escolas privadas.

5.2 - Relação dos jovens com mercado de trabalho

Conforme os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – (PNAD) 2015 a taxa dos jovens desempregados atualmente está maior do que os resultados que

foram apresentados em 2014. Ao quantificar as respostas dos entrevistados sobre sua situação em relação ao mercado de trabalho verificamos que 20% dos jovens estão trabalhando, 21,8% já trabalharam, 52,7% nunca trabalharam e 5,5% não responderam. Assim, ao unir os dados dos que já trabalharam e os que nunca trabalharam constatamos que a taxa dos jovens desempregados é mais elevada do que do grupo de jovens que possuem uma ocupação no mercado de trabalho.

Carvalho (2004) ao explicar as bases legais que norteiam a inserção dos jovens no mercado de trabalho em seu artigo “Alguns aspectos da inserção de jovens no mercado de trabalho no Brasil: concepções, dados estatísticos, legislação, mecanismos de inserção e políticas públicas”, afirma que

O jovem adolescente, assim, instrumentalizado e orientado, segundo essa legislação, poderia se ocupar como aprendiz na faixa etária entre 14 e 18 anos, quando deve receber uma atenção especial quanto regime de tempo limitado de trabalho e ao seu processo de aprendizagem profissional e escolar. Após completar 16 anos e até os 18 anos, o jovem já pode ser trabalhador assalariado, mas ainda com restrições a trabalhos penosos, insalubres ou perigosos. Depois de completar 18 anos, o trabalho do jovem é regulado como o dos trabalhadores adultos. Em qualquer uma dessas condições, o trabalhador jovem goza de direitos trabalhistas, bem como os demais trabalhadores em geral. (p.13)

Entre o grupo de jovens inseridos no mercado evidenciou-se que 3,7% começaram a trabalhar com idades entre 15 e 16 anos, 22,2%, entre 17 e 18 anos e 48,1%, após 18 anos; 25,9% não responderam a questão. A maioria das atividades na qual esses jovens atuaram ou atuam, são Call Center, comércio, serviços terceirizados, poucos foram os que informaram que trabalham em fábricas e/ou indústrias.

É verídico o crescimento da quantidade de jovens que concluem a educação básica, como também é verídica a busca constante de jovens por qualificações profissionais, pois grande parte dos que responderam o questionário, além de terem concluído o ensino médio, possuem mais de um curso profissionalizante. Eles afirmam que estar qualificado é primordial para arranjar um emprego. No entanto, mesmo se qualificando, quase a metade dos jovens entrevistados ainda não se sentem preparados para o mercado, uma vez que, ao serem questionados menos da metade 47,3% respondeu estar preparado, 5,5% não respondeu. No que concluímos que, 47,2% é correspondente aos que se sentem pouco e/ou não preparados. O que percebemos é que os jovens são formados para atuar numa área específica, e ao se deparar com o cenário de um mercado exigente e competitivo não se sentem seguros para trabalhar, e por isso, muitas vezes surge o sentimento de insegurança, ansiedade e dúvida quanto a sua atuação futura.

5.3 - Motivação e Expectativa Profissional

Ao refletir sobre aspirações e desempenho escolar Veiga et al. (2006) diz que:

Para além de motivações de natureza mais intrínseca, um tipo de motivação tem a ver com os objectivos. Sem objectivos e, portanto, sem aspirações, o comportamento não ganharia rumo, mergulharia na inconsistência. A acção tem início com a definição de uma meta a atingir (Nuttin, 1984; Stipek, 1996) e o elemento determinante da motivação é a importância e a vontade de realizar uma actividade. (p.4154)

Desta forma, ao entrevistarmos os jovens, primeiramente questionamos sobre o seu interesse em fazer um curso profissionalizante, ou seja, o que lhe motivou a escolha do curso profissionalizante. A maioria dos entrevistados respondeu que o interesse por um curso profissionalizante está relacionado à necessidade de se qualificar e ter uma profissão em curto prazo. Como podemos constatar nas seguintes falas

“Pra ter uma formação mais rápida e conseguir um emprego logo.” (Aluna 12)

“Para se preparar para os empregos atuais que estão exigindo pessoas mais qualificadas, o mercado esta muito exigente e quanto mais cursos profissionalizantes melhor”. (Aluna 7)

“Quero me qualificar e também por que vai ajudar a entrar no mercado de trabalho e as empresas dão valor a quem tem um curso”. (Aluna 4)

Podemos observar nas falas dos jovens entrevistados, que a escolha por um curso profissionalizante se deu tanto pela necessidade de se ter uma qualificação profissional como também a busca de uma preparação para inserção imediata no mercado. Segundo Oliveira e Sousa (2013, p. 102), “no Brasil, configura-se a luta por mais escolarização e qualificação profissional, cuja finalidade é, entre outras, a inserção no mercado de trabalho”. Assim, esses indivíduos ao término da educação básica, ou ainda nos anos finais estão preferindo fazer cursos profissionalizantes ou técnicos por esses lhes proporcionarem uma formação técnica que varia de um ano e oito meses a dois anos. Sendo, portanto, uma forma mais rápida para ingressar no mercado de trabalho.

Constatamos que a qualificação e preparação para o mercado de trabalho estão entre as preocupações de alguns desses jovens que revelam optarem por fazer um curso técnico pela possibilidade de ingressar no mercado de trabalho mais rápido e preparado. Percebemos que existe um sentimento de que, quanto mais qualificado o indivíduo estiver, maior será a sua chance de entrar no mercado de trabalho, ficando clara a ideia de que a formação técnica possibilita a preparação para conseguir um emprego, bem como para atender o mercado. Logo, a falta de qualificação é atribuída como sendo a grande dificuldade para conseguir um emprego.

Quando questionados sobre a escolha do curso atual, é possível observar uma variação de respostas, tais como: Único curso disponível no momento da escolha, oportunidade de entrada no mercado de trabalho; curiosidade; indicação de amigos; mercado amplo e motivação pessoal. Dentre essas, a que mais tiveram frequência foram - o único curso disponível no momento da escolha e oportunidade de entrada no mercado de trabalho. Como diz as falas de alguns desses jovens

“Por que surgiu essa oportunidade, mas não sabia que existia essa área, não tinha noção do que se tratava”. (Aluna 7)

“Por ser um curso que estar em alta no mercado e tem oportunidade de emprego”. (Aluna 9)

Sabemos que muitos jovens em certo momento na vida se encontram com o desafio de escolher uma profissão e diante disso, se indagam com as seguintes perguntas: Qual curso devo fazer? Que profissão vou querer seguir? Para responder tais questões é preciso o autoconhecimento, ou seja, conhecer seus desejos, suas expectativas, seus interesses pessoais. Conforme Dias e Soares (2007), a escolha profissional faz parte de um projeto profissional que implica pensar o futuro, arquitetar um cenário de realizações de interesses e desejos e que deve se estabelecer a partir do autoconhecimento.

No entanto, nos discursos dos entrevistados percebemos que muitas vezes os jovens não têm se que o poder de escolha, eles aceitam fazer qualquer curso que apareça, salvo algumas exceções que tiveram a sorte de serem contemplados com o curso que desejavam, quando seu desejo coincide com o curso ofertado. Percebemos essa relação da escolha por vontade própria nas seguintes falas:

“É uma área que almejo desde criança e me sinto realizado fazendo esse curso”. (Aluno 3)

“Por que é um sonho que tenho de infância”. (Aluna 1)

O jovem busca uma profissão muitas vezes para manter suas necessidades básicas, outros, por querer ser visto na sociedade como um profissional bem sucedido e independente. Para isso, é imprescindível realizar a escolha certa, tanto na esfera educacional quanto na profissional, pois o trabalho compõe grande parte do tempo da vida de um indivíduo. No entanto, como já citamos nas discursões teóricas a escolha muitas vezes se dá pelas oportunidades e valores disponíveis, o que tira do sujeito a sua autonomia de escolher a área que almeja, e conseqüentemente seus sonhos e aspirações são trocados pela oportunidade que o mercado oferece.

Na pergunta sobre as dificuldades para continuar no curso. A maioria dos jovens alegou não ter dificuldade para permanecer no curso.

“No momento não encontro dificuldade”. (Aluna 4)

“No momento não encontro dificuldade. Mas sei que terei no futuro, pois passei no curso de pedagogia na UFPE e sei que terei dificuldades para conciliar o horário”. (Aluna 1)

Vale destacar que os poucos jovens que disseram encontrar dificuldades relataram que está relacionada com o cansaço.

Quanto à questão sobre a importância dos conhecimentos escolares para realização do curso, as respostas foram unânimes. Todos os entrevistados disseram que os conhecimentos escolares são importantes e têm ajudado muito para compreensão dos conteúdos do curso. Vale ressaltar que as áreas de português e matemática foram citadas por todos como sendo as que mais contribuem para o curso.

Maron e Germano (2010) afirmam que as empresas necessitam de trabalhadores com um maior nível de escolaridade, pois se tornou uma exigência onde as ferramentas de gestão e as técnicas organizacionais introduzidas nos processos de trabalho passaram a exigir do trabalhador uma noção de matemática básica e estatística elementar, além de um bom domínio da língua portuguesa.

A educação escolar tem por finalidade preparar os indivíduos para atuarem nas diversas áreas da vida social. Assim a relação educação – sociedade é interdependente, pois, de acordo com Libâneo (1994) “não há sociedade sem prática educativa nem prática educativa sem sociedade.” Percebemos nos discursos que os conteúdos trabalhados na escola contribuem para a resolução de situações vivenciadas nas aulas no curso. Sobretudo, as contribuições dos conteúdos nas atividades que necessitam da leitura, escrita e resolução de operações matemáticas.

Quando questionados se o curso vai ajudar a entrar, mudar, ou arranjar um emprego e quais contribuições esperam do curso para vida profissional, a maior parte das respostas se repetia em torno de se acreditar ou achar que irá ajudar a entrar no mercado de trabalho. Vejamos algumas das respostas:

“acho vou consegui um emprego, pois esse curso é meu pontapé inicial, a porta de entrada, pois como vou entra no mercado de trabalho se não tenho uma formação”. (Aluna 1)

“Acredito que sim, pois vamos ter que fazer estágio, e espero que a partir dele posso ficar na própria empresa, onde for estagiar.” (Aluna 2)

Quanto às contribuições do curso para a vida profissional, as respostas foram bem variadas entres as mais elencadas estão: fazer um curso superior; reconhecimento na área; crescimento na empresa.

Conforme SOARES “Os jovens qualificados pelos programas públicos de qualificação social e profissional geralmente não têm experiência profissional e,

portanto, estão em busca da primeira oportunidade de trabalho, ou seja, do primeiro emprego” (2013, pag. 301). Como percebemos os jovens têm a esperança de após adquirir a qualificação profissional consiga entrar no mercado de trabalho e muito desses estão na busca do primeiro emprego como observamos nas entrevistas.

Perguntamos sobre o que além do curso poderia ajudar a entrar no mercado de trabalho. A maioria disse que é preciso ter experiência e qualificação em outras áreas. Vejamos alguma destas falas:

“Experiências e qualificação em diversas áreas por que temos muitas concorrências”. (Aluna 9)

“Fazer outros cursos para se qualificar melhor, não devemos ficar só nesse e fazer um curso superior”. (Aluna 3)

“O conhecimento, qualificação e fazer estágio para conseguir experiência”. (Aluna 2)

Percebemos que os jovens têm uma preocupação em ter experiência profissional para poder conseguir um emprego, pois hoje está difícil pra quem não tem experiência conseguir entrar no mercado de trabalho.

Conforme SANTOS (2013, p. 75), “os jovens mesmo com o grau de escolaridade e as qualificações necessárias, pecam pela falta de experiência.” Constatamos nas falas dos jovens que ao procura um emprego uma das primeiras exigências das empresas é a qualificação e a experiência. Para Moretto e Remy (2013) os jovens ao buscarem se inserir no mercado de trabalho poderão enfrentar dificuldades maiores que as demais pessoas, justamente pela falta de experiência, e isso diminuem as chances de um jovem conquistar um emprego.

Os autores ainda destacam que os empregadores enxergam os jovens que estão iniciando no mercado com desconfiança. Muitas vezes essa desconfiança é justificada pelo fato desses indivíduos nunca terem sido testados antes e até mesmo por temerem ter pessoas descomprometidas com a empresa. Já para os jovens é preciso um voto de confiança dos empregadores para conseguirem a experiência cobrada. Em algumas falas os entrevistados destacaram que durante o curso poderiam adquirir essa experiência por meio de estágio, mas mesmo assim é difícil conseguir, pois são poucas vagas para tanta gente. Sabemos que o estágio é também um meio de inserir o jovem no mercado de trabalho, através dele as dificuldades encontradas por aqueles que não têm experiência poderiam ser superadas.

Outro fator que foi considerado importante para conseguir entrar no mercado de trabalho e que nos chama atenção é o argumento de que é preciso ter um “peixe”, ou

seja, uma pessoa conhecida dentro da empresa que ajude a poder conseguir um emprego.

Os jovens também foram questionados sobre o que pensam da situação atual do mercado de trabalho. A maior proporção dos jovens considera que o mercado de trabalho é ingrato, crítico, competitivo e muito exigente. Percebemos nas falas que quando se referiam a ser ingrato relacionava a não dar oportunidade aos jovens que não têm experiência. Quanto a ser competitivo alegaram existir muitas pessoas qualificadas pra entrar no mercado e poucas vagas. Podemos verificar nos depoimentos:

“Acho que ele é ingrato quanto a dar oportunidade aos jovens que não têm experiência e hoje tem tantas pessoas qualificadas pra entrar no mercado e poucas vagas”. (Aluna 8)

“Péssima com essa crise econômica e os roubos nos cofres públicos. Muitas áreas estão complicadas estamos vendo que as empresas estão dando as férias coletivas e o incentivando as pessoas a pedirem demissão”. (Aluna 11)

“Muito crítica. Pois conseguir um emprego está cada vez mais difícil, O mercado está exigindo muito pessoas qualificadas e tudo isso exige tempo pra fazer uma faculdade, pra estudar. Sem contar com a exigência de experiência, se não tenho experiência como vou entrar o que acontece e que um fica jogando pra outro”. (Aluna 4)

Diante da conjuntura atual do mercado de trabalho em que está cada vez mais competitivo e exigente, os jovens sentem-se injustiçados pelas constantes exigências e pela falta de vagas. Para conseguir a tão esperada inserção no mercado sentem-se a necessidade de investir em formação para se qualificar, bem como a busca de experiência, pois muitos desses estão perdendo oportunidades por não possuírem experiência prévia na área em que almejam atuar. Alves e Paulo (2013) destacam que os empregadores na busca de reduzir os investimentos em qualificação dão oportunidade as pessoas que têm uma melhor formação educacional, bem como exigem também experiência profissional e pessoal, gerando assim uma barreira na entrada dos jovens no mercado de trabalho.

Dayrell (2007) enfatiza que é indispensável situar as mudanças que vêm acontecendo no mundo do trabalho. Analisando o mercado brasileiro o autor observa que essa dinâmica vem alterando as formas de inclusão dos jovens no mercado de trabalho, acarretando a ampliação das taxas de desemprego aberto, o desassalariamento e a geração de postos de trabalho precários. Esta realidade abrange, principalmente, os jovens das camadas populares.

Observamos que o ingresso no mercado de trabalho não se constitui tarefa fácil para os jovens, sobretudo para aqueles que estão na busca pelo primeiro emprego. O

mercado de trabalho é visto por esses jovens como; competitivo, difícil e até mesmo excludente. Diante das dificuldades muitos acabam adentrando no mercado informal sem qualquer garantia de seus direitos trabalhistas e muitas vezes são submetidos a trabalhos desumanos.

Quanto à questão sobre as expectativas que têm em relação ao mercado de trabalho, percebemos que as respostas na maioria são bem parecidas. É possível destacar que uma grande parte dos jovens ao começar responder à pergunta destacava que têm boa expectativa, apesar de que no desenvolver de muitas das falas percebemos que permanecia a preocupação com relação às oportunidades de emprego.

Vejamos em relação às expectativas podemos alguns trechos dos depoimentos desses jovens:

“Minha expectativa é conseguir um emprego e oportunidade para todos”.
(Aluna 10)

“Tenho expectativa positiva, espero conseguir logo um emprego, e fazer uma carreira dentro de empresa, apesar de poucas vagas”. (Aluna 7)

Existe também a expectativa de ver um mercado mais justo com os jovens, bem como a expectativa de encontrar um mercado competitivo e exigente, expressa a seguinte fala:

“Acho que o mercado é muito difícil em todos os aspectos por que as pessoas cobram muito experiência e no meu caso quero um trabalho para ter experiência e é difícil encontrar um trabalho que não requer esse quesito. O mercado exige experiência qualificação e essa é uma dos maiores empecilhos para quem quer começar. Então minha expectativa é encontrar um mercado de trabalho com muitas cobranças e empecilhos. Mas à medida que vou me qualificando espero ir derrubando essas barreiras”. (Aluna 1)

Para NOVAES,

Hoje, jovens de todas as classes e situações sociais expressam insegurança e angústias ao falar das expectativas em relação ao trabalho, no presente e no futuro. Estes sentimentos estão relacionados à consciência de que sua geração está submetida às rápidas transformações tecnológicas no mundo do trabalho (2007, p. 3)

De fato, ao questionarmos os jovens sobre as sua expectativas observamos certo grau de incerteza, pois destacam que têm uma boa expectativa, mas a incerteza de que vai conseguir a inserção no mercado de trabalho, os deixam angustiados. Apesar da incerteza e da expectativa de se deparar com um mercado competitivo, percebe-se que os jovens esperam conseguir uma rápida inserção no mercado de trabalho.

Por fim responderam sobre os projetos para o futuro profissional. Todos os participantes da pesquisa foram unânimes em responder que planejam continuar se qualificando e pretendem fazer um curso superior. Eis algumas falas:

“Quero continuar se qualificando na área e fazer um curso superior”. (Aluna 9)

“Primeiro quero fazer uma faculdade e investir no meu curso de moda. E talvez mudar alguma coisa em relação à faculdade e continuar estudando por que a pessoa pensa que só por que conseguiu um emprego já está tudo ok, mas sempre vai a aparecer pessoas qualificadas e pode tomar seu lugar por isso devo estar sempre estudando”. (Aluna 1)

Através das falas obtidas averiguamos que os jovens valorizam a educação profissional e projetam dar continuidade aos estudos no nível superior para alcançar o tão sonhado sucesso profissional. Os depoimentos nos permitiram constatar que esses jovens têm uma perspectiva de futuro profissional ligada ao sucesso educacional. Desta forma, o ensino superior ocupa um espaço importante no olhar para o futuro desses jovens. Percebemos, então, uma tendência à valorização da extensão dos estudos como tática para enfrentar a competitividade no mercado de trabalho. Esses jovens acreditam que por meio dos estudos, da busca incessante pelo conhecimento, conseguirão assegurar o seu emprego.

Os depoimentos dos jovens remetem à ideia de que quanto mais um profissional se qualifica, mais capacitado será para atender às exigências do mercado de trabalho. Alguns acreditam que para ingressar no mundo do trabalho é necessário qualificação para enfrentar novos desafios e competir com os demais que estão lutando por um emprego. Os jovens investigados buscaram uma formação técnica com objetivo de inserção mais rápida no mercado, porém planejam dar continuidade à formação profissional, visando um crescimento na carreira.

6. Considerações Finais

Retomando ao objetivo principal deste artigo, a saber, as expectativas que os jovens matriculados nos cursos do PRONATEC têm em relação ao mercado de trabalho, percebe-se que a maioria dos jovens entrevistados percebem as dificuldades da inserção do jovem no mercado de trabalho, sobretudo na aquisição do primeiro emprego, pela falta de experiência.

Sabemos que o trabalho é considerado como um direito humano fundamental que possibilita o ingresso a bens mais básicos de sobrevivência, dentre os quais, alimentação, moradia, educação e saúde. Ele é tão importante que a nossa constituição em seu Art. 6º o traz como um dos direitos sociais a todos. Bem como, em seu art. 7º apresenta alguns dos direitos que visam à melhoria de condições sociais dos trabalhadores. No entanto, entendemos que a inserção do jovem no mercado de

trabalho tem sido cada vez mais difícil, principalmente para os das camadas populares, conforme Dayrell (2007).

Os resultados desta investigação nos mostram que os jovens estão buscando cada vez mais qualificação para atender às exigências do mercado de trabalho. Percebemos que há um entendimento dos entrevistados de que ter um certificado em mãos é um importante passo para que se possa conseguir um emprego. Diante disso, existe uma expectativa de que a inserção no mercado de trabalho ocorra assim que concluírem o curso, e muitos esperam que ocorra até mesmo antes, por meio de estágio. Porém, vimos que a escolaridade não é garantia total da inserção desses jovens no mercado de trabalho. Desta forma, nem sempre os jovens conseguem o tão esperado sucesso profissional, gerando assim uma grande insatisfação e conseqüentemente esses se sentem frustrados, a partir daí buscam seguir outras vertentes, como por exemplo, outros cursos profissionalizantes.

Quanto à busca por um curso técnico aponta uma aproximação com o mercado de trabalho, no sentido de ter uma profissão em curto prazo, e conseqüentemente a possibilidade de ter um emprego imediato. Apesar de os jovens expressarem que a escolha do curso técnico se deu visando o mercado de trabalho demonstraram que pretendem continuar estudando e que planejam fazer um curso superior. Com isso, analisamos que os jovens têm duas expectativas de futuro que andam juntas, entrar no mercado de trabalho e continuar estudando para ingressar em uma universidade ou faculdade.

7. Referências Bibliográficas

ALVES, Christiane Luci Bezerra; PAULO Evanio Mascarenhas. *Dinâmicas recentes do mercado de trabalho juvenil na região nordeste*. In: MACAMBIRA, Júnior; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra. (Org.). Trabalho e formação profissional: juventudes em transição. Fortaleza: IDT, UECE, BNB, 2013. p. 205-230. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/upload/aaa/817Nadya_2013_%20007_Trabalho_e_Formacao_Profissional.pdf> Acesso em: 04 set. 2014.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho – Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho*. 3ed. São Paulo: Boitempo, 2000. 261p. [cap.3 e 4]

BAUDELLOT, C. *As Qualificações aumentam, mas a desigualdade torna-se ainda maior*. Proposições, v.15, n.2 (44), p.15-38, maio/ago.2004.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2012.

BRASIL. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Câmara dos Deputados, Brasília. D.F. Edições Câmara, 2014. 45 p. –n. 118.

BARROS, Ricardo P. de.; FOGUEL, Miguel Nathan.; ULYSSEA, Gabriel. (Org.) *Sobre a Recente Queda da Desigualdade de Renda no Brasil*. In: *Desigualdade de Renda no Brasil: uma análise da queda recente*. Brasília: Ipea, 2006. 2 v. : gráfs., tabs. 446 p.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Identidades juvenis e escola*. In: *UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (org.) et. al. Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos*. Brasília: Grupo editorial UNESCO, 2005. p. 153- 16. Disponível em: <portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task> Acesso em: 14 nov. 2014.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventudes e cidades educadoras*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a14.pdf>> Acesso em: 12/ set/ 2014.

CARVALHO, Joari Soares de. *Alguns aspectos da inserção de jovens no mercado de trabalho no Brasil: concepções, dados estatísticos, legislação, mecanismos de inserção e políticas públicas*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/146.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2015.

CORTE, Guilherme Daltrozzo. *Implementação do programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego- Formação Inicial e Continuada no rio Grande do Sul*. 2013. 39 fls. Monografia (Bacharelado em Políticas Públicas) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/105124/000940977.pdf?sequence=1>> Acesso em: 10/09/2014.

DAYRELL, J. *A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, out. 2007. p. 1105-1128. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>> Acesso em: 14 nov. 2014.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. *Brasileira de Educação*. Set /Out /Nov /Dez 2003 n. 24. p. 40-52. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04>> Acesso em: 14 nov. 2014.

DIAS, M. S. de L.; SOARES, D. H. P. *Jovem, Mostre a Sua Cara: Um Estudo das Possibilidades e Limites da Escolha Profissional*. *Psicologia Ciência e Profissão*,

Brasília, v. 27, n. 2, p. 316-331, Jun. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932007000200012&script=sci_arttext. Acesso em: 02 mar. 2015.

FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. Tradução Moacir Gadotti e LÍlian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (coleção educação e comunicação; v.1).

GOMES, Romeu. *Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Disponível em: <https://mariogaudencio.wordpress.com/2013/01/02/maria-cecilia-de-souza-minayo/>> Acesso em: 20 abr. 2015. Acesso em: 20 maio. 2015.

GIL, A.C; *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 3ª edição. São Paulo: Editora Atlas, 1991.

GIOVINAZZO, Carlos Antônio. *História e necessidades: a formação dos indivíduos à luz do marxismo de Herbert Marcuse*. Comunicação apresentada no 4º Colóquio Marx e Engel – GT2 Marxismo e teoria social, Promovido pelo Centro de Estudos Marxistas (CEMARX) da UNICAMP de 8 a 11 de novembro de 2005. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/ANAIS%20IV%20COLOQUIO/comunica%E7%F5es/GT2/gt2m4c4.pdf>>. Acesso em: 8 Janeiro 2015.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/pt/noticiascenso?view=noticia&id=1&idnoticia=2881&busca=1&t=pnad-continua-mostra-desocupacao-7-9-1%C2%BA-tri-2015>. Acesso em: 03 jun. 2015.

Lei nº 12.513 de 26 de Outubro de 2011. Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112513.htm. Acesso em: 04 set. 2014.

LIBÂNIO, José Carlos. *Didática*. 13 Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MARON, Neura Maria Weber; GERMANO, Marcilei Serafim. *Perspectivas e desafios para a formação profissional no atual contexto da educação e do mundo do trabalho no Brasil*. Trabalho & Educação. Belo Horizonte, v.19, nº2, p.1-13, mai./ago.2010. Disponível em: <http://as1.trt3.jus.br/bdtrt3/bitstream/handle/11103/1633/Perspectivas%20e%20desafios%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.> Acesso em: 03 jun. 2015

MENEZES Wilson F; Uchoa, Carlos Frederico A. *A Inserção do jovem no mercado de trabalho brasileiro*. In: MACAMBIRA, Júnior; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra. (Org.). *Trabalho e formação profissional: juventudes em transição*. Fortaleza: IDT,

UECE, BNB, 2013. p. 105-132. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/upload/aaa/817Nadya_2013_%20007_Trabalho_e_Formacao_Profissional.pdf> Acesso em: 04 set. 2014.

MORETTO, Amilton; REMY, Maria Alice Pestana de Aguiar. *Dinâmica recente da inserção do jovem no mercado de trabalho e a questão da escolaridade*. In: MACAMBIRA, Júnior; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra. (Org.). *Trabalho e formação profissional: juventudes em transição*. Fortaleza: IDT, UECE, BNB, 2013. p. 133-153. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/upload/aaa/817Nadya_2013_%20007_Trabalho_e_Formacao_Profissional.pdf> Acesso em: 04 set. 2014.

NOVAES, R. R. (2007). *Juventude e sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas*. Sociologia especial: Ciência e Vida, p. 1-10. Disponível em: <[://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2012000300002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2012000300002)> Acesso em: 18 nov. 2014.

OLIVEIRA, Elenilce Gomes de; SOUSA, Antonia de Abreu. *Trabalho, juventude e educação no contexto do capitalismo atual*. In: MACAMBIRA, Júnior; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra. (Org.). *Trabalho e formação profissional: juventudes em transição*. Fortaleza: IDT, UECE, BNB, 2013. p. 91-104. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/upload/aaa/817Nadya_2013_%20007_Trabalho_e_Formacao_Profissional.pdf> Acesso em: 04 set. 2014.

RODRIGUES, Daniel Álvares. In: *O FETICHE DAS COMPETÊNCIAS. Um estudo crítico dos princípios da formação da força de trabalho na atualidade*. 2007. Tese (Doutorado em Fundamentos da Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação do centro de educação e Ciências Humanas, Universidade federal de São Carlos, São Carlos.

ROSA, Denise Cristina Silva; ROSA, Elisângela Silva; TAVARES, Jorge Alberto Vieira. *Educação Profissional no Brasil e sua Relação com Participação Feminina na Inserção no Mercado de Trabalho*. In: IV Colóquio Internacional: Educação e Contemporaneidade, 2012, São Cristóvão – SE.

SANTOS, Andréia Rodrigues dos Santos. *A Teoria do Programa e Seus Múltiplos Usos*. 2013. 98 fls. Monografia (Especialização)- instituto Serzedello Corrêa do Tribunal de Contas da União- Brasília, 2013. Disponível em: <<http://portal3.tcu.gov.br/portal/pls/portal/docs/2617662.PDF>> Acesso em: 03 ago. 2014.

SANTOS, Georgia Patricia Guimaraes dos. *Juventudes, trabalho e educação: uma agenda pública recente e necessária. Por quê?* In: MACAMBIRA, Júnior; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra. (Org.). *Trabalho e formação profissional: juventudes em*

transição. Fortaleza: IDT, UECE, BNB, 2013. p. 73-88. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/upload/aaa/817Nadya_2013_%20007_Trabalho_e_Formacao_Profissional.pdf> Acesso em: 04 set. 2014.

SALDANHA, Letícia de Luca Wollmann. O PRONATEC e a relação ensino médio e educação profissional. UFPR. 2012. Disponíveis em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/view/1713/141>> Acesso em: 04 jun. 2014.

SOARES, Mariza. *Juventude e políticas de qualificação profissional pro jovem trabalhador – a experiência de Pernambuco*. In: MACAMBIRA, Júnior; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra. (Org.). Trabalho e formação profissional: juventudes em transição. Fortaleza: IDT, UECE, BNB, 2013. p. 287-309. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/centrodametropole/upload/aaa/817Nadya_2013_%20007_Trabalho_e_Formacao_Profissional.pdf> Acesso em: 04 set. 2014.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. *Educação e trabalho: uma relação tão necessária quanto insuficiente*. São Paulo Perspec. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392000000200011>.> Acesso em: 20/ jan. 2015.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventude e políticas públicas no Brasil. Brasileira de Educação*. Set /Out /Nov /Dez 2003 Nº 24. p. 16-39. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a03>> Acesso em: 14 abr. 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Filosofia*. 2ª Ed. São Paulo, 2007. (Coleção Magistério. Série formação geral)

VEIGA, Feliciano H; MOURA, Hélia; SÁ, Lurdes; RODRIGUES, Ana. *Expectativas Escolares e Profissionais dos Jovens: Sua Relação com o Rendimento e as Percepções de Si Mesmo Como Aluno*. In: Actas do VIII Congresso Galaico Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2ª Edição, 2006.